

Um Cemitério de Árvores

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Não existe época pior para plantar árvores do que a semana do meio ambiente. Mesmo assim, um grande desperdício de energia, dinheiro e boa vontade alheia são gastos em publicitários plantios de árvores. Na falta de ações concretas no campo do meio ambiente, políticos e prefeitos tentam mostrar serviço, pelo menos durante esta semana, plantando árvores destinadas à morte.

Nesta época do ano quase não chove, as temperaturas são baixas e adversas ao crescimento da vegetação. Além de tudo, existe o risco das queimadas e geadas. Qualquer pessoa de bom senso sabe disso. A época é de podar e não de plantar. A primavera só chega no final de setembro, quando as chuvas voltam e as temperaturas se elevam. Há muitos anos festejávamos — corretamente — o Dia da Árvore, em setembro, plantando árvores.

A semana do meio ambiente foi definida em países do hemisfério norte. Ali está-se em plena primavera, assistindo-se ao anúncio dos

frutos do verão. Nada contra festejar o meio ambiente no outono já que há muito por se fazer. Mas o desconhecimento do tempo e da natureza no plantio de árvores frisa a burrice e levanta suspeitas. É um mal uso do dinheiro público ou das isenções ou benefícios fiscais que o Estado pode propor nessa matéria. Lembrem o trabalho de um banco que começou arborizar canteiros e

**Plantar árvores
nesta época do ano
é o mesmo que
semear um cemitério
de plantas, com covas,
enterro e ritual**

acostamentos da Rodovia dos Bandeirantes, em pleno outono e inverno? O pior é que, sem nenhuma modéstia, elegiam-se em modelo: façam como a gente, plantem árvores em nossas estradas! Deu no que deu. A imensa maioria das árvores morreu com a seca e a geada ou sufocada pelo capim. Em muitos locais o fogo consumiu, não só as mudas, como também as placas de propaganda enganosa dos senhores do dinheiro.

Plantar não é muito difícil. O duro é vingar e crescer. Para isso é necessário mais do que uma cova e uma muda. Administrações anteriores de Campinas também lançaram uma tarefa que lembrava metas estalinistas: plantar um milhão de ár-

vores! Plantar árvores nesta época do ano é o mesmo que semear um cemitério de plantas, com covas, enterro e ritual. Quantas mudas desse milhão restaram? Quantas restarão de todas as plantadas nesta semana? Mas há o aspecto educativo, dirá alguém. Por certo existem outras ações de educação ambiental, mais interessantes e eficientes a serem realizadas. Ações que não deixarão para as crianças o exemplo do fracasso.

Ninguém está contra o plantio de árvores, a recomposição da mata ciliar ou o verde na cidade. Mas os problemas do meio ambiente não podem ser confundidos com jardinagem. Campinas e região sofrem e sofrerão cada vez mais de graves questões ambientais, por culpa de seus governantes. Basta ver as consequências ambientais do traçado de prolongamento da Rodovia dos Bandeirantes, imposto à região. Basta ver a situação crítica do destino do lixo urbano. Basta ver a qualidade cada vez pior da água de beber, originária de rios que servem de mananciais e para o despejo do esgoto industrial e urbano. Basta ver o que foi feito do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Campinas (Comdema) na administração anterior. E a lista é gran-

de. Gostaríamos de ver nossos governantes eleitos atuando em temas relevantes e estratégicos e não em maquiagem.

Existem heranças do passado, mas há também esperanças no futuro. De Paulínia, o maior e mais grave foco de poluição do ar e das águas da região, chega a notícia que a Petrobrás vai — enfim — fornecer uma gasolina com menos enxofre para Campinas. Os excelentes resultados do programa de prevenção de incêndios nas matas, promovido em conjunto pela Prefeitura de Campinas, Polícia Florestal, Corpo de Bombeiros, Núcleo de Monitoramento Ambiental e Defesa Civil, é um outro exemplo de como parcerias podem ajudar a resolver problemas crônicos. A presença do prefeito municipal na audiência pública da Área de Proteção Ambiental do Camanducaia foi um sinal animador. Quem sabe outras ações positivas serão engajadas. A semana do meio ambiente de 1998 tornará outra dimensão e o sacrifício das árvores, na entrada do Terceiro Milênio da Era Cristã, não terá sido útil.

Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em ecologia, professor da USP, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa e presidente da ONG Ecoforça - Pesquisa e desenvolvimento